

TRANÇA AFRICANA: PENTEADO DAS MULHERES GUINEENSES¹

Aminata Nádia Gomes Mané¹

UNILAB

aminatanadia@aluno.unilab.edu.br

Luís Carlos Ferreira²

E-mail: luisferreira@unilab.edu.br

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo tratar sobre a trança africana, com intuito de mostrar as mulheres brasileiras do município de Acarape, de como as mulheres africanas cuida dos seus cabelos, uma vez que o município recebe muitas estudantes africanas que estudam na Universidade Integração Internacional Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), no entanto as maiorias das brasileiras têm preconceito sobre o cabelo africana, somos questionado o tempo como cuidamos do nosso cabelo. Dei uma oficina no intuito de explicar que o cabelo é como adorno básico para construir um corpo bonito.

Palavra- chave: Tranças Africanas; Penteados Mulheres; Negras

INTRODUÇÃO

O trabalho tem como objetivo tratar sobre atuação do pedagogo no espaço não escolar, ou seja, nos espaços não-formais, em que pretendemos fazer um trabalho na garagem da minha casa, reunindo brasileiras com faixa etária de 8 anos a 30 anos de idades explicando para elas sobre penteados africanos e os seus significados.

Veiga (1992, *apud*, FERREIRA, 2012) destaca que, as práticas docentes em espaços não escolares são entendidas como práticas sociais pautadas por objetivos, propósitos e saberes, e enquadradas por práticas sociais. Para Freire (1996), essa prática

¹ Bacharel em 2022, Graduanda do curso Pedagogia e Mestranda em pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

² Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Humanidades (UNILAB) e Professor Adjunto do curso de Pedagogia.

docente começa com a visão de quando afirma que ensinar não é transmitir conhecimento, mas criar possibilidades de produzir ou construir a si mesmo.

O intuito é mostrar para essas mulheres brasileiras a forma pela qual as mulheres africanas cuidam dos seus cabelos, considerando-se que a maioria das mulheres brasileiras aqui em Acarape ainda desconhecem as tranças africanas e seus cuidados.

Vale ressaltar que para mulheres africanas, a cabeça é considerada uma parte do corpo muito importante, pois, elas fazem grandes investimentos nessas tranças para ficar ainda mais bonitas. Dentro da experiência em Maputo, no Moçambique, Cruz (2015), afirma que a cabeça é uma parte privilegiada do corpo, pois recebe muito investimento estético, visto que, o cabelo é como adorno básico para construir um corpo bonito.

A autora sublinha que a nossa cabeça é o centro de atenção das outras pessoas, pois nela é desenhada muitas histórias, assim como, o corpo passa a ser um suporte para arte sendo os cabelos parte do corpo manipulável. Desta forma, mostra as diferenças em termos de representação do cabelo entre as mulheres brasileiras e moçambicanas.

JUSTIFICATIVA

O tema deste trabalho surgiu a partir da minha própria experiência, vivida aqui no Brasil, concretamente no supermercado Aliança, na cidade de Acarape, interior do Ceará. Num dia desses, fui ao mercado e uma moça brasileira se aproximou de mim perguntando: *será que você consegue lavar a sua cabeça? Será que dá para pentear? Porque esse cabelo não é o seu cabelo natural!* Esses questionamentos permitiram que a investigação acerca dessa temática importante e necessária para o anti-racismo e formação humana.

Sendo assim, o trabalho tem o propósito de explicar e reconhecer, por meio de uma oficina de aprendizagem num espaço não-formal de aprendizagem, a importância das tranças africanas como um dos símbolos que as mulheres africanas têm de liberdade sobre os seus cabelos. Por isso, fazem várias tranças de forma diferentes: tranças raiz, tranças soltas e diferentes penteados. Como aponta Cruz (2017), o cabelo é uma parte do corpo, culturalmente maleável, fácil de manipular e carrega muitos significados. O cabelo tem poder, evoca emoções fortes para quem o usa. Portanto, fazem parte do corpo que lida com as emoções.

Ao propor uma atividade com um grupo de jovens, crianças e adolescentes explicando sobre as tranças africanas como futura pedagoga, entendemos que a atuação do pedagogo nesse espaço não-escolar é para facilitar os aprendizados dessas pessoas, ou seja, os pedagogos/as podem ser mediadores/as e articuladores da aprendizagem.

Da mesma forma que concordamos com Libânio (1999), quando afirma que os educadores são profissionais engajados em diversos casos da prática educativa, que estão, direta ou indiretamente, associados às organizações e aos processos de disseminação e assimilação de conhecimentos e métodos, modos de ação, em relação a objetivos formados pelo homem previamente definidos em seu contexto histórico.

O presente trabalho é de extrema importância para pesquisadores e docentes que querem saber mais sobre as tranças africanas, pois contribui tanto para comunidade da Unilab como para o debate educacional acerca da Lei 10.639/2003. Esperamos ajudar as pessoas que têm dúvidas sobre tranças africanas!

DESENVOLVIMENTO

Compartilhando a experiência

Simson (et al. 2001, *apud* SILVA, 2013) sublinha que há diferentes espaços em que a educação não-formal pode ser desenvolvida, uma vez que, não precisa de estruturas e organizações próprias para desenvolver suas operações, nem padrões para suas estruturas, o que pode ocorrer em espaços nacionais ou poderes públicos municipais, associações comunitárias, centros comunitários, outros espaços promovidos por grupos religiosos, ONGs e organizações da sociedade civil que trabalham com empresas.

Neste caso, escolhemos o ambiente comunitário da garagem onde moro como espaço educativo não-formal de realização da oficina de aprendizagem. Unido a isso, meu objetivo ao desenvolver esta atividade foi compartilhar minha vivência enquanto mulher africana sobre o uso e origem das tranças para mulheres, crianças e meninas brasileiras.

A escolha dos participantes não foi nada fácil já que a primeira coisa que fiz, foi a observação na rua da minha casa. Comecei a perguntar na vizinhança, quantas pessoas (mulheres e crianças) já passaram pelo processo das tranças, e quantas ainda não passaram. Durante a minha observação, fiz contanto com um total de doze (12) pessoas e destas, a partir dos dados recolhidos, pude identificar que três (3) já passaram pelo processo das tranças africanas, por motivações do uso das tranças foram a transição capilar.

Deste modo, convidei as nove (9) pessoas cinco (5) adultas e quatro (4) crianças para participarem da oficina de tranças africanas, oito são negras e uma (1) branca brasileiras, mas destas, apenas quatro (4) adultas que aceitaram participar das

oficinas e destas, apenas duas (2) adultas aceitaram fazer tranças africanas. No dia da atividade solicitei as participantes que assinassem o termo de autorização de uso de imagem, para registrar a atividade a partir de fotografias, mas não expondo suas faces. O momento foi dividido em três (3) etapas: oficinas; explorações dos modelos de tranças; atividade prática.

No primeiro momento foi apresentado o que são as tranças africanas, sua origem, os diferentes tipos, para que serve e como são feitas.

Em seguida expliquei as meninas que as tranças africanas simbolizam a cultura das mulheres africanas. Antes da colonização elas utilizavam outros penteados para ficavam mais bonitas pelos seus maridos, ao passar do tempo os penteados foram se modificando até chegar na traças que é feita com o cabelo sintético, na época da colonização as meninas utilizavam a trança só quando tinham uma festa, por exemplo: o casamento; aniversário e entre outras.

No entanto, com a chegada da modernidade no século XIX as tranças africanas passam a ser utilizadas como arte ou moda para toda a sociedade, não importa a sua sexualidade; raça e cor da pele, as pessoas podem utilizar, porém a trança ainda carrega esse nome da “trança africana” por causa da sua origem, mas isso não significa que só africanos que podem desfrutar.

Posterior a isso, apresentei fotografias, com os modelos de tranças africanas e seus diferentes tipos: solta, raiz, crochê e diferentes penteados. Por último, fomos a prática, apresentando o material e iniciando a atividade prática.

O primeiro exercício foi a trança raiz, feita com o cabelo da pessoa, além do cabelo sintético, para fazer os desenhos na cabeça. O segundo foi a trança solta que é feita com o cabelo sintético, sendo este uma extensão.

Imagem 1 - trança raiz.



Fonte: registro da autora.

Imagem 2 - Trança solta.



Fonte: registro da autora.

Na prática, expliquei para elas que a trança exige saber a quantidades de cabelo sintético que deve ser utilizada em cada mecha. Coloquei uma quantidade de cabelo para uma delas segurar na mão, para terem a noção da quantidade ideal. Cada uma delas foi tirando as mechas conforme o tamanho.

Imagem 3 -



Fonte: registro da autora.

Imagem 4 -



Fonte: registro da autora.

Dentre as dificuldades para o desenvolvimento, primeiro foi para convencer as pessoas que moram na minha vizinhança de participar da oficina. O segundo foi a não compreensão do uso do cabelo sintético por uma das participantes, que afirmou “*eu não vou usar isso, porque não dá para lavar a cabeça, a trança é para as pessoas negras*”.

Imagem 5 -



Fonte: registro da autora.

Isso dificultou a minha ação, por ouvir um comentário “racista” dentro da minha casa, mas ressignifiquei a sua atitude e dei continuidade. Outro ponto foi o tipo de cabelo, as participantes que aceitaram fazer as tranças tinham o cabelo liso quimicamente, o que dificultou o fazer das tranças.

Imagem 6 –



Fonte: registro da autora.

Imagem 7 -



Fonte: registro da autora.

Ao longo do percurso, enquanto os cabelos iam mudando, notei uma alegria no semblante delas, elas iam tocando no cabelo, olhavam no espelho o tempo todo. No decorrer do fazer as tranças elas iam me perguntando sobre como deveriam cuidar dos

cabelos na hora de dormir, expliquei que não precisavam de nada, mas para conservar o cabelo do frizz³, poderiam usar uma camisa ou uma toca de tecido.

Imagem 8 –



Fonte: registro da autora.

Imagem 9 –



Fonte: registro da autora.

Após a finalização das tranças elas se mostraram muito felizes com o resultado. Ao sair da minha casa e encontrar outras vizinhas, foram abordadas, tocavam os seus cabelos, perguntavam se estava doendo, se pesava. Mas de modo geral, o que mais falaram é que elas estavam diferentes.

Imagem 10 –



Fonte: registro da autora.

Imagem 11 –



Fonte: registro da autora.

Imagem 12 –



Fonte: registro da autora.

³ Cabelo frizz, é quando alguns fios recados ficam de pé quando deitamos

Talvez por falta de costume, elas não permaneceram muito tempo com as tranças, após dois (2) dias elas já não estavam mais trançadas. A ação me causou curiosidade e perguntei para elas o motivo de desfazê-lo, elas me responderam que as pessoas começaram a perguntar para elas se são africanas, ou estão passando por transição, porque essas tranças só são usadas por africanos e para os brasileiros que se consideram negras. Os questionamentos excessivos das pessoas, elas acabavam por tirar a trança por não querer parecer com as africanas.

Pensando no aspecto educativo da atividade, acredito que esta atividade pode ser ministrada em outros espaços e lugares que não sejam atrelados a educação formal, por exemplo na pracinha, na porta do supermercado, na loja da conveniência, no hospital, na prisão e no museu.

REFERÊNCIA

CRUZ, Denise Ferreira da Costa. Que leveza busca Vanda? ensaio sobre cabelos no Brasil e em Moçambique, 2017.

CRUZ, Denise Ferreira da Costa. Seguindo as tramas da beleza: cabelos na centralidade estético-corporal de Maputo. cadernos pagu, p. 135-156, 2015.

FERREIRA, H. P. A.; MEDEIROS, N. F. M. As Práticas Pedagógicas nos Espaços não Escolares: contextos, sujeitos e aprendizagens. Annals of Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade, 2012.

SILVA, Ana Lucia Ferreira da; PERRUDE, Marleide Rodrigues. Atuação do pedagogo em espaços não-formais: algumas reflexões. Revista eletrônica pro-docência/uel, Ed, n. 4, p. 46-56, 2013.